



## Psicologia para Ativistas da Paz

pág. 6/6

### Bibliografia

- . A.J. Muste – Abraham Went Out: A Biography of a. J. Muste, Jo Ann Robinson, Temple University Press, 1981, pags. 21, 25, e 141. Peace Agitator, the Story of A. J. Muste, Nat Hentoff, Macmillan, 1963, pag. 16. The Essays of A.J. Muste (Sketches for an Autobiography), editado por Nat Hentoff, Simon and Schuster, 1967.
- . Bertrand Russell – The Life of Bertrand Russell, Ronald Clark, Londres, 1975, pág. 603. The Autobiography of Bertrand Russell, republicado por Simon & Schuster.
- . Dorothy Day – The Long Loneliness, Harper & Bros., 1952.
- Emily Balch – Improper Bostonian: Emily Greene Balch, Mercedes M. Randall, Dwayne Publishers, New York, 1964.
- . Eugene Victor Debs – The Bending Cross: A Biography of Eugene Victor Debs, por Ray Ginger, Rutgers University Press, 1949.
- . Helen Caldicott – entrevista publicada no New Haven Advocate, 5 de maio de 1986.
- Nuclear Madness; What You Can Do!, Helen Caldicott, Bantam Books, 1978.
- . Jane Addams – The Life and Legend of Jane Addams, Allen Davis, Nova Iorque, 1973. Twenty Years at Hull House, Jane Addams, Mcmillan, 1910. The Second Twenty Years at Hull House, Jane Addams, Mcmillan, 1930. Peace and Bread in Time of War, Jane Addams, Macmillan, 1922.
- . Martin Luther King Jr. – seu tributo a W. E. B. Du Bois publicado em Freedomways, 1968, segundo trimestre, págs. 104 a 111. Stride Toward Freedom: The Montgomery Story, Harper & Bros., 1958. . My Life with Martin Luther King, Jr., Coretta Scott King, Holt, Rinehart and Winston, 1969.
- Sandy Pollack – Sandy Pollack: Her Life, U. S. Peace Council, 1985
- . W. E. B. Du Bois – The Autobiography of W.E.B. Du Bois, International Publishers, 1968.

### Notas

3. A presente obra se baseia no meu estudo dos movimentos de paz dos Estados Unidos, copyright de 1985 intitulado: The American Peace Movements: History, Root Causes, and Future. Empreendi esse estudo pois estou convencido de que a psicologia deve estar profundamente enraizada no contexto histórico, e nosso contexto histórico deve lidar com a guerra e a paz. Enquanto esse livro foi escrito, uma história mais tradicional, que ignorou completamente o papel desempenhado pela Esquerda nos movimentos de paz dos anos 30 e início da Guerra Fria, foi publicada com o seguinte título: The American Peace Movement: History and Historiography, por Charles Howlett e Glen Zeitzer, American Historical Association Pamphlet, 261.

4. Não só há uma seqüência lógica dentro dos seis estágios de consciência, mas também encontramos, grosso modo, uma seqüência cronológica na sua evolução nas descrições de biografias e autobiografias dos grandes ativistas da paz.

5. Em minha monografia: "O papel da Raiva no Desenvolvimento da Consciência de Ativistas da Paz: A intercessão entre a Psicologia e a História", International Journal of Psychophysiology, 1986, 4, págs. 157 a 164, defendo que: "a raiva é o combustível pessoal no motor social que resolve as contradições institucionais surgidas no curso da história". Além de citações autobiográficas como as que faço no presente livro, examino a evolução da raiva, começando por aquela disparada por atributos do oponente (em roedores), até a raiva provocada por injustiças (em humanos). Com base no trabalho de J. R. Averill (Raiva e Agressão: Um Ensaio sobre a Emoção, Springer, 1984), concluo que a maior parte da raiva humana, longe de ser uma emoção negativa, muitas vezes leva a resultados positivos nas relações interpessoais e no processo histórico.

6. Minha experiência pessoal com terrorismo fomentado pela polícia deu-se durante a Guerra do Vietnã quando trabalhava como jornalista no jornal comunitário Modern Times de New Haven. No outono de 1969 houve uma série de explosões provocadas por terroristas contra a sede de várias empresas multinacionais, um pouco antes da passeata nacional pela paz em novembro. A mídia colocou as explosões nas manchetes e as aproveitou para convencer as pessoas a não comparecer à passeata em Washington devido ao "risco de violência". O pequeno grupo responsável pelos atentados à bomba foi preso pouco antes da passeata e levado a julgamento. Alguns eram membros de um jornal "clandestino", apropriadamente chamado de "O Rato". Mas a pessoa que forneceu a dinamite e a tecnologia jamais foi julgada pois era agente governamental. Evento similar ocorrera um ano antes em New Haven quando um dos líderes do protesto contra a guerra, um militante negro que era um dos "Sete Homens Raivosos", foi preso por conspirar a explosão de vários edifícios públicos. Novamente, a dinamite foi fornecida por alguém do governo. Naqueles dias, acabamos por concluir que qualquer um que falasse em dinamite era agente governamental.

7. Para leitores interessados na fisiologia cerebral, a evidência de inibição neural direta da raiva pelo medo está contida nas seguintes publicações: Motivational Systems of Agonistic Behavior in Muroid Rodents: A Comparative Review and Neural Model, Aggressive Behavior, 6, págs. 295 a 346, 1980 (ver págs. 328 a 329); J. W. Mink e D. B. Adams, Why Offense is Reduced When Rats Are Tested in a Strange Cage, Physiology and Behavior, 1981, 26, págs. 567 a 573; e Brain Mechanisms for Offense, Defence, and Submission, The Behavioral and Brain Sciences, 2, págs. 201 a 241, 1979.

8. Para muitos dos que leram as versões preliminares deste livro, a questão da raiva foi a mais controversa. Um ativista bastante eficaz escreveu-me dizendo: "Há grande quantidade de pesquisa científica mostrando que a raiva é uma emoção nociva. Realmente, observo que os grupos pacifistas tendem a ser muito menos raivosos que os grupos que se opõem aos pacifistas. É verdade que muitos grupos pacifistas incorrem em raiva algumas vezes. Penso que isso enfraquece o impacto de seu trabalho e certamente não o fortalece ou confere energia (...). Não precisamos de outra explosão para conseguir a paz, e temo que freqüentemente é a isso que a raiva leva". Uma outra pessoa me escreveu dizendo: "Eu colocaria o foco no amor e na unidade, pois acredito que os grandes problemas de injustiça social não são resolvidos pelo comportamento dos ativistas. (...) os ativistas acabam por comportar-se exatamente como o agressor, por assim dizer. Não encontrei amor em nenhum dos grupos pela paz com os quais me envolvi, e ali certamente não há paz. Tudo que experimentei lá foi raiva e agressão. Do meu ponto de vista, isso não é transcendência, mas perpetuação do cheque-mate". Este comentário é de um psicoterapeuta que, como disse, foi filiado e ativo, mas depois desistiu de tudo. Creio que isso comprova que a raiva (e a aceitação dela) é necessária ao desenvolvimento da consciência. Para uma história sobre a supressão da raiva nos Estados Unidos leia: Anger: The Struggle for Emotional Control in America's History, Carol Zisowitz Stearns e Peter Stearns, University of Chicago Press, 1986.

9. Num estudo sobre ativismo Sarah Bosch e eu descobrimos que os estudantes que acreditam que a guerra é parte da natureza humana estão menos propensos a engajar-se no ativismo pela paz. Isto parece ser a verdadeira relação causal, pois a correlação é mantida mesmo depois que outros fatores são removidos pelo método estatístico de correlações parciais, incluindo influência familiar, de amigos e da escola, crença na eficácia da ação, e nível de raiva. Nosso trabalho "The Myth That War is Intrinsic to Human Nature Discourages Action for Peace by Young People", foi publicado no livro Essays in Violence por Ramirez, Hinde e Groebel, University of Seville, Espanha, 1987. Nossos resultados repetem os achados iniciais relatados na Finlândia pela pesquisadora da paz Ritta Wahlström. A Dra. Wahlström e eu estávamos entre os 20 cientistas que participaram da redação da Declaração de Sevilha sobre a Violência, que afirma categoricamente que a guerra não é intrínseca à natureza humana. Esta Declaração está disponível na Internet: [www.comitepaz.org.br](http://www.comitepaz.org.br) (em português), bem como [www.unesco.org/human\\_rights/hrvf.htm](http://www.unesco.org/human_rights/hrvf.htm).

10. Todos os movimentos de massas pela paz do século 20 nos Estados Unidos sofreram o ataque do anticomunismo, e em muitos casos foram destruídos. Quando William Jennings Bryan concorreu a presidente em 1900 com uma plataforma antiimperialista advogada pela Liga Anti-Imperialista, foi atacado como "comunista". O People's Council of America, que se opôs maciçamente à Primeira Guerra Mundial, foi literalmente esmagado por agentes governamentais que apreendiam sua correspondência, destruíam seus escritórios e aprisionavam seus líderes – tudo em nome do anticomunismo. O movimento de paz dos anos 30, que se opunha ao surgimento do fascismo, foi fendido em duas organizações que competiam entre si: uma com participação comunista e a outra baseada no anticomunismo. A oposição à Guerra Fria, que culminou na campanha presidencial de Wallace, não foi apenas destruída pelo anticomunismo, mas sequer é mencionada nas atuais histórias "oficiais" do movimento pela paz. E a oposição à Guerra do Vietnã foi desmantelada pelo anticomunismo de organizações tradicionais do movimento pacifista, como a SANE, que se recusou a participar de uma passeata ao lado de organizações como o SDS porque eram "comunistas". Para maiores detalhes, veja o meu livro The American Peace Movements: History, Root Causes, and Future, 1985.

11. Com o fim da Guerra Fria, tendemos a esquecer certas realizações dos países socialistas no campo do desenvolvimento de uma economia da paz. Eles evitaram a superprodução cíclica e crises de desemprego dos países capitalistas, bem como a exploração que caracteriza as relações das maiores potências capitalistas com os países em desenvolvimento. Isto está documentado no artigo de capa da revista Science de 29 de novembro de 1985. Nele, o reitor da Rand Corporation's Graduate School, um núcleo de estudos patrocinado pelo Pentágono, mostra que o fluxo de riqueza ia da União Soviética para os países socialistas menores do Terceiro Mundo, um fluxo que, naquele tempo, aumentava em vez de diminuir. Isto difere totalmente dos Estados Unidos e outras potências Ocidentais que lucram enormemente com suas relações econômicas internacionais. O autor pergunta quais são as vantagens das relações econômicas externas da União Soviética e conclui serem "prestígio, proeminência política, orgulho nacional, e justificação dos sacrifícios impostos ao povo soviético pelo sistema soviético". Estas razões são bem diferentes daquelas na base do imperialismo, segundo a definição clássica de Hobson: o uso da máquina governamental para assegurar ganhos econômicos externos.

12. O efeito geral da produção militar sobre a sociedade norte-americana deveria ser considerado negativo em qualquer leitura da situação econômica. Isto é explicado pelo economista Lloyd Dumas em The Oberburdened Economy, University of California Press, 1986. O desenvolvimento de economias de paz seria grandemente fomentado por uma nova abordagem ao estudo da economia, seguindo-se a linha proposta pelo professor Dumas neste livro.

13. Veja meu artigo: Internal Military Interventions in the United States, Journal of Peace Research, Vol. 31, nº 2, 1995.

14. No estudo por Averill citado acima, descobriu-se que, na maioria dos episódios de raiva registrados pelos sujeitos, o resultado acabou sendo construtivo para todos os envolvidos. Portanto, ao ensinar como direcionar a raiva, deveríamos começar por esta base fortemente positiva que é intrínseca à experiência de cada pessoa. Deveríamos formar regras de percepção e comportamento a partir de nossa experiência de como aumentar a percentagem de episódios de raiva construtivos, diminuindo a percentagem dos destrutivos. Isto pode ser feito coletivamente e também individualmente, como no processo de "gerenciamento e solução de conflitos", a ser ensinado nas escolas e comunidades.

15. Em certa época ensinava-se que o medo seria uma boa motivação para a mudança. Contudo, quando foram levados a cabo os estudos a respeito, descobriu-se que o medo não é uma motivação eficaz para mudar atitudes e comportamentos. Em vez de mudar sua atitude, as pessoas tendem a tornar-se mais resistentes à mudança quando são amedrontadas. Para uma revisão técnica dos estudos científicos, veja: Effects of Fear Arousal on Attitude Change, por Irving L. Janis, Advances in Experimental Social Psychology, 3, págs 167 a 224, 1997.

16. Para muitos que trabalham nos meios de comunicação de massa a decisão de enfatizar notícias pessimistas em vez das otimistas é tomada provavelmente sem consciência especial de seus efeitos, e simplesmente como consequência do fato de que notícias otimistas costumam receber críticas por parte dos anunciantes (como notícias sindicais e comunitárias). Para outros, contudo, o uso de pessimismo poderá ser um recurso proposital, parte da cultura da guerra. Em seu artigo "CIA Psychological Warfare Operations" (Science for the People, págs. 6 a 11 e 29 a 37, janeiro – fevereiro, 1982), Fred Landis documenta minuciosamente como a CIA enfatizou e fabricou notícias pessimistas como parte de sua munição psicológica quando assumiu a operação de jornais nos países que estavam prestes a realizar uma mudança revolucionária. Relata especialmente a transformação do jornal El Mercurio no Chile, Daily Gleaner na Jamaica e La Prensa na Nicarágua depois de serem tomados pela CIA.



[pág. anterior \[5/6\]](#)



[voltar](#)